



REFLEXÕES SOBRE A AUSÊNCIA DA ORATÓRIA E RETÓRICA NA PEDAGOGIA - URCA

Autor: Israel Torres Rodrigues de Oliveira
Universidade Regional do Cariri - URCA
E-mail: itpedagogia@hotmail.com

Orientador: Manuel José Pina Fernandes
Universidade Regional do Cariri – URCA
E-mail: profmanuelfernandes@gmail.com

RESUMO: Em nossas discussões no Núcleo de Pesquisa dos Movimentos Sociais em Educação – NUPEMSE – temos refletido a respeito das necessidades curriculares de nosso curso de Pedagogia, assim como as carências comunicacionais de nossos colegas universitários no dia a dia de nossa formação. Estas reflexões nos levaram a perceber que duas das muitas necessidades que deveriam ser observadas e superadas são a dificuldade comunicacional e a fragilidade de coerência dos discursos professados pelos alunos nas diversas discussões pertinentes ao ambiente em que estamos inseridos, necessidades que se dão, respectivamente, no campo da oratória e da retórica. Estas observações serviram de ponto de partida para desenvolvermos nossa problemática: Por que existe essa dissociação entre a formação ética e moral, no caso, teórico-humanistas, de práticas clássicas como a oratória e a retórica, justamente no período de formação humana pertinente aos currículos das mais diversas licenciaturas e especialmente em nosso curso de pedagogia? Nosso objetivo, além de responder esta problemática, consiste em refletir através da pesquisa histórica o que levou a desassociar tais práticas da formação de professores. Esta ação é pertinente à fase bibliográfica de nossa composição monográfica, justifica-se pela necessidade de buscarmos soluções para os problemas que se manifestam em nossas vivências acadêmicas e tem como relevância apontar uma alternativa que seja eficaz para futuras intervenções em nosso curso de Pedagogia.

Palavras-Chave: Oratória, Retórica, Pedagogia.



INTRODUÇÃO

Nas nossas discussões no Núcleo de Pesquisa dos Movimentos Sociais em Educação – NUPEMSE – temos refletido a respeito das necessidades curriculares de nosso curso de Pedagogia, assim como as carências comunicacionais de nossos colegas universitários no dia a dia de nossa formação.

Estas reflexões nos levaram a perceber que duas das muitas necessidades que deveriam ser observadas e superadas são a dificuldade comunicacional e a fragilidade de coerência dos discursos professados pelos alunos nas diversas discussões pertinentes ao ambiente em que estamos inseridos, no caso o acadêmico. Necessidades que se dão respectivamente no campo da oratória e da retórica.

Estas observações serviram de ponto de partida para desenvolvermos nossa problemática: Por que existe essa dissociação entre a formação ética e moral, no caso, teórico-humanistas, de práticas clássicas como a oratória e a retórica, justamente no período de formação humana pertinente aos currículos das mais diversas licenciaturas e especialmente em nosso curso de pedagogia? Problemática esta desenvolvida levando em consideração que uma das principais discussões pertinentes à educação, inclusive na formação de professores, é a desvinculação entre teoria e prática.

Por isso, nosso objetivo, além de responder esta problemática, consiste em refletir através da pesquisa histórica sobre o que levou a tradição acadêmica a desassociar tais práticas da formação de professores. Isto, aliando nossa iniciativa a uma intervenção prática em que estaremos explorando as possibilidades que os frutos de uma oficina de oratória e retórica podem oferecer em nosso curso de pedagogia.

Esta produção é pertinente à fase bibliográfica de nossa composição monográfica,



justifica-se pela necessidade de buscarmos soluções para os problemas que se manifestam em nossas vivências acadêmicas e têm como relevância apontar uma alternativa que seja eficaz para futuras alterações curriculares em nosso curso de Pedagogia.

Oratória e Retórica: compreendendo um pouco estas ciências.

Nossa intenção, neste momento, não é necessariamente apresentar uma narrativa que descreve a origem de cada uma destas ciências, muito pelo contrário, sabemos muito bem que estas são produções científicas e culturais da civilização grega, no período da antiguidade clássica.

O que nos propomos a fazer neste momento é tentar expor definições que nos auxiliarão a compreender melhor estes dois campos do conhecimento, além de apresentar uma breve descrição de dois expoentes do período clássico: Demóstenes e Aristóteles.

Primeiramente, fazendo uso de um simples dicionário, somos levados a acreditar que oratória e retórica são sinônimos. No Minidicionário Compacto de Língua Portuguesa está escrito o seguinte: “oratória – arte de falar em público, eloquência” (ROSA, 1999, p. 344). Enquanto que na definição de retórica, nos deparamos com a seguinte descrição: “Arte de bem falar” (ROSA, 1999, p. 424).

Ao introduzirmos Demóstenes e Aristóteles neste texto, enfatizamos que o primeiro é bastante conhecido como o maior orador de todos os tempos, devido a sua trajetória de desenvolvimento pessoal, em que, segundo Castro (2013), o empenho obstinado em se tornar um grande orador o transformou de um jovem com espasmos musculares e gagueira, em um líder da resistência grega às tentativas de domínio helenista.

Ao analisarmos sua trajetória e seu discurso, somos levados a acreditar que o desenvolvimento pessoal de Demóstenes está intimamente relacionado com os exercícios



comunicacionais que inclusive atualmente são pertinentes ao campo da oratória, no caso, naquela época, o mastigar seixos para tratar a gagueira. Enquanto que suas estratégias de convencimento estão associadas a uma construção ideológica que visa convencer seus contemporâneos através de sua eloquência.

Como podemos perceber nesta passagem, o orador grego Demóstenes, aquele que professa o discurso, possui uma retórica, algo menos mecânico e mais conceitual:

Nisso consiste a função pedagógica da retórica de Demóstenes: em seus discursos, o orador insiste em que a palavra deve servir como um recurso para conduzir o cidadão à ação, não para levá-lo à indolência, à apatia ou à mera contemplação, como queriam seus adversários. Isso parece sugerir que Demóstenes pretende fortalecer, no âmbito da pólis ateniense, os antigos valores caros aos gregos desde Homero, valores da honra (timé) e da ação – o combate guerreiro incorporado na palavra agón. Essas noções, aliás, parecem exercer profunda influência na ideia demostênica de educação e formação humana (CASTRO, 2013, p. 134).

Por outro lado, Aristóteles é conhecido por ter produzido um tratado sobre a retórica. No Dicionário Básico de Filosofia encontramos a definição de retórica estruturada da seguinte forma:

Retórica (gr. retoriké: arte da oratória, de re-tor: orador) Arte de utilizar a linguagem em um discurso persuasivo, por meio do qual visa-se convencer uma audiência da verdade de algo. Técnica argumentativa, baseada não na lógica, nem no conhecimento, mas na habilidade em empregar a linguagem e impressionar favorável mente os ouvintes. Considera-se que a retórica foi sistematizada e desenvolvida pelos * sofistas, que a utilizavam em seu método. Aristóteles dedicou um tratado à retórica, sobretudo distinguindo-a do uso lógico da linguagem sistematizado na teoria do *silogismo. Contemporaneamente, Chaim *Perelman procurou revalorizar a retórica, buscando construir uma teoria que sistematizasse os traços fundamentais do uso retórico da linguagem, mostrando que mesmo o discurso científico não estava isento de elementos retóricos e de recursos persuasivos (JAPIASSÚ e MARCONDES, 2011, p. 167).



Em outra produção estaremos nos aprofundando em termos etimológicos para verificar se existe realmente uma distinção entre a oratória e a retórica, entretanto, até o presente momento, nos é possível perceber que a prática de falar bem em público, ação cultural do período clássico, ou atualmente, uma alternativa de desenvolvimento pessoal comercializada como alternativa psêudo terapêutica, ou de autoajuda, não é necessariamente uma ciência em que se praticam as possibilidades metodológicas desenvolvidas por Aristóteles. Em outras palavras, insistimos que apesar das definições de Rosa, ou Japiassú e Marcondes, oratória e retórica possuem peculiaridades distintas apesar de caminharem juntas em uma linha tênue.

Uma vivência

Recentemente, durante a participação de uma explanação de como funcionaria o decorrer de uma das disciplinas de nosso curso durante o semestre, foi possível perceber que havia algo de errado. Não mencionaremos nomes, muito menos especificaremos a disciplina em que estávamos assistindo aula, mas colocamos neste artigo, como forma de demonstração de uma necessidade real, esta vivência.

As pessoas matriculadas na disciplina, se surpreenderam ao perceberem que determinado professor iria novamente participar do semestre, neste caso, como responsável por uma das disciplinas da matriz curricular do semestre em questão.

Algumas das estudantes que haviam cursado com este professor outra disciplina no semestre anterior, passaram a sentir desconforto com a presença dele, isto, porque apesar de características didáticas pós-críticas fundamentarem as ações daquele educador, traços de tradicionalismo, especialmente no que se refere a direcionamentos impositivos são uma das marcas daquele docente.

A turma no andamento da aula cumpriu com os direcionamentos, nos dividimos em grupos, cada grupo com um texto específico que foi discutido e em seguida, retornamos para a



sala de aula para um momento de exposição dos resultados adquiridos com a discussão.

Entretanto, esta discussão no grande grupo seria executada a partir de arguição oral, em que o professor escolheria uma pessoa pela lista das equipes e aquela pessoa falaria a respeito das compreensões de qualquer um dos tópicos desenvolvidos pela equipe na primeira discussão.

As falas correram bem e inclusive, aquele momento pode até ser considerado como agradável, mas antes do encerramento da aula, uma porta voz da turma levantou um questionamento: *‘É necessário mesmo chamar as pessoas desta forma?’* sugerindo também a retirada da arguição oral a critério de escolha do professor, para que na discussão, falassem apenas quem se sentisse a vontade para se expor. O professor recusou a sugestão, mesmo com outras justificativas apresentadas pelas alunas, como: *‘Isto é errado!’*; ou, *‘Cada um tem o seu tempo!’*

Alegar que a iniciativa do professor era algo errado, porque através daquele direcionamento ele estava constringendo alunos, evidencia um dos problemas que podem ser superados através da inclusão da oratória nas licenciaturas, neste caso, o medo de falar em público.

Já na segunda justificativa, *“Cada um tem o seu tempo!”*, uma análise retórica é conveniente. Na educação infantil é comum ouvir esta frase, mas isto porque as professoras embasadas na Teoria Piagetiana cadenciam os processos de aprendizagem da criança para que ela desenvolva sua cognição de acordo com o seu tempo biológico. O que podemos perceber neste caso é que, de fato, ou certa compreensão da teoria por parte de quem falou a frase. Ora! Como pessoas adultas tem o seu tempo se elas são biologicamente já maturadas?

Entretanto, esta justificativa, por ter sido dita com uma carga emocional que comoveu a todos, inclusive ao professor, que mesmo assim não mudou de postura, a declaração



promoveu um momento de riqueza reflexiva.

Neste caso, a retórica aderida em nossa matriz curricular serviria como um meio de desenvolvimento da apreensão do educando em suas relações com os conteúdos da pedagogia e sua exposição em oportunidades de diálogo ou ensino-aprendizagem.

Oratória e Retórica na Formação de Professores.

A formação de professores, atualmente, no Brasil não consegue superar uma antiga discussão, a relação entre formação teórica e formação prática. Em algumas universidades ainda é possível nos depararmos com professores que sustentam a ideia de que pouco é possível de se fazer quanto a uma aprendizagem prática no período de formação inicial das mais diversas licenciaturas.

Existem alternativas, mas que são consideradas caras, um exemplo é a utilização de um colégio de aplicação, seja da própria instituição acadêmica ou por meio de parceria com o governo municipal ou estadual.

Recentemente, uma possibilidade que vinha ganhando força e notoriedade era a iniciativa federal de financiar o Programa de Iniciação à Docência – PIBID, entretanto, esta ação tem passado por forte período de incertezas devido ao momento econômico do país, em que se tem adotado uma política de contenção de gastos, o que acarretou numa normativa do Ministério da Educação, a qual afirmava o corte de cerca de 50 a 90 por cento das bolsas do programa.

Nosso curso de pedagogia, assim como tantos outros cursos ou licenciaturas, possui em sua matriz curricular aquilo que se chama de período de Formação Humanista, o que nada mais é do que a inclusão de disciplinas voltadas para a reflexão como Filosofia e Sociologia, possibilitando que o indivíduo se torne um sujeito emancipado.



É justamente esta inclusão que questionamos através de nossa problemática, a formação humanista possui uma ação prática clássica, ela não é apenas teórica. Através do desenvolvimento pessoal em atividades como oratória e retórica os cidadãos atenienses exerciam sua cidadania, assim como as atividades voltadas para o ensino da cultura grega aos seus cidadãos.

Em nosso projeto político pedagógico destacamos que o objetivo do nosso curso é: “Formar profissionais capazes de atuar nas diferentes esferas da educação; capazes de compreender e participar nas diferentes manifestações e expressões da cultura e na produção e socialização do conhecimento científico” (CRATO, 2007, p.9).

Como este objetivo será alcançado se os estudantes que ingressam no ensino superior, ou melhor, nas licenciaturas, além de não terem supridas suas debilidades educacionais advindas do nível médio, também não tem suas dificuldades de comunicação e eloquência sendo superadas e desenvolvidas pela educação superior?

Um dos possíveis resultados serão alunos que no decorrer de sua formação permanecem em seu silêncio íntimo, sem saberem que a comunicação em público é algo que pode ser trabalhado e desenvolvido. A falta de expressividade comunicacional é um fator que pode ser motivo de impedimento de uma outra característica de bons professores descrita por Nóvoa, o tacto pedagógico:

Tacto Pedagógico - Nele cabe essa capacidade de relação e de comunicação sem a qual não se cumpre o acto de educar. E também essa serenidade de quem é capaz de se dar ao respeito, conquistando os alunos para o trabalho escolar. Saber conduzir alguém para a outra margem, o conhecimento, não está ao alcance de todos. No ensino, as dimensões profissionais cruzam-se sempre, inevitavelmente, com as dimensões pessoais (NÓVOA, 2011, p. 49).

O tacto pedagógico descrito por Nóvoa, nada mais é do que, pela comunicação, o professor persuadir seus alunos a se desenvolverem e obterem sucesso na aprendizagem. Algo



difícil e que certamente não será alcançado por quem entra em uma sala de aula, independentemente da tendência pedagógica que fundamenta a própria metodologia, sem saber ler agradavelmente um texto em voz alta, explicar ou simplesmente dialogar com seus alunos.

CONSIDERAÇÕES.

Lembramos aos leitores que, esta, ainda é uma iniciativa embrionária, que de nossa parte, poucos são os resultados bibliográficos a respeito da explanação destas formas de produção humana, a oratória e a retórica.

Entretanto, lembramos também que, falar em público, atualmente é uma das maiores dificuldades enfrentadas por boa parte das pessoas que entram em uma licenciatura.

Acreditamos que nossa iniciativa possui uma relevância gigantesca, levando em consideração que a maior parte dos futuros docentes encontra dificuldade no desenvolvimento pessoal no decorrer de sua formação inicial neste aspecto da profissão docente, o comunicar-se.

Almejamos através desta pesquisa, intervir em nossa realidade, possibilitando que colegas de nosso curso tenham a oportunidade de conhecer a oratória e a retórica, aderindo estas modalidades de conhecimento como uma alternativa de ação que venha a nortear de forma prática a futura ação docente destes estudantes.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.

CASTRO, Roberto C. G. **O Demóstenes Histórico**. Revista USP, São Paulo, nº 98. P. 125 – 135. Junho/Julho/Agosto 2013.

CRATO. **Projeto Político Pedagógico do Curso de Pedagogia da Universidade Regional do Cariri**, 2007.

JAPIASSÚ, Hilton; Marcondes, DANILO. **Dicionário Básico de Filosofia**. 3ª ed. e ampliada.



Rio de Janeiro, TupyKurumim, 2001.

NÓVOA, Antônio. **O Regresso dos Professores**. Universidade de Lisboa, 2011.

ROSA, Ubiratam. **Minidicionário Compacto da Língua Portuguesa**. 9ª edição, São Paulo – Rideel, 1999.